



A TEORIA DO ENUNCIADO CONCRETO E A INTERPRETAÇÃO METALINGÜÍSTICA: BASES FILOSÓFICAS, REFLEXÕES METODOLÓGICAS E APLICAÇÕES PARA OS ESTUDOS DAS CIÊNCIAS E PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

The Theory of Concrete Utterance and the Metalinguistic Interpretation: Philosophical Backgrounds, Methodological Reflections, and Application to Science Studies and to the Research on Science Education

Nathan Willig Lima [nathan.lima@ufrgs.br]

Matheus Monteiro Nascimento [matheus.monteiro@ufrgs.br]

Fernanda Ostermann [fernanda.ostermann@ufrgs.br]

Cláudio José de Holanda Cavalcanti [claudio.cavalcanti@ufrgs.br]

*Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.*

Resumo

A linguagem e o discurso desempenham um papel importante nos Estudos das Ciências (*Science Studies*) e na Pesquisa em Educação em Ciências. Nesse artigo, buscamos contribuir para essa tendência de pesquisa apresentando uma discussão sobre a Teoria do Enunciado Concreto de Bakhtin. Em especial, discutimos como a visão de mundo de Bakhtin se opõe à metafísica kantiana e se apoia em uma filosofia fenomenológica, influenciada pela Física Moderna, pelo Marxismo e pela monadologia de Leibniz. À luz dessa discussão filosófica, apresentamos, então, sua Teoria do Enunciado Concreto e traduzimos sua visão de mundo em possíveis reflexões metodológicas para os Estudos das Ciências e para a Pesquisa em Educação em Ciências. A partir disso, fazemos uma proposta de “trajetória analítica”, a qual serve como uma sugestão de possível organização da Interpretação Metalingüística de Bakhtin. Por fim, exemplificamos a utilização de tal trajetória analítica.

Palavras-Chave: Bakhtin; Metalingüística; Análise do Discurso; Linguagem.

Abstract

Language and discourse play an important role in Science Studies and in the Research in Science Education. In this article, we seek to contribute to this research trend by discussing Bakhtin's Theory of Concrete Utterance. We discuss how Bakhtin's world view opposes Kantian metaphysics and rests on a phenomenological philosophy, influenced by Modern Physics, Marxism and Leibniz's monadology. Under the light of this philosophical discussion, we present his Theory of Concrete Utterance and we translate his worldview into possible methodological reflections for Science Studies and for the Research in Science Education. From this perspective, we make a proposal of "analytical trajectory", which serves as a suggestion of a possible organization of Bakhtin's Metalinguistic Interpretation. Finally, we exemplify the use of such analytical trajectory.

Keywords: Bakhtin; Metalinguistic; Speech Analysis; Language.

INTRODUÇÃO

O século XX é marcado pela ascensão de diferentes tendências filosóficas, como a valorização da empiria (positivismo lógico), do “mundo da vida” (fenomenologia) e da matéria (marxismo). Em especial, a partir dos escritos de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), a linguagem ganhou destaque como objeto de estudo para muitos pesquisadores, desempenhando não só um papel na descrição do mundo; mas sendo, outrossim, parte do mundo: “*A linguagem tornou-se, em si, sua própria lei e seu próprio mundo*” (Latour, 2013, p. 63). Nesse sentido, diferentes visões ontológicas e epistemológicas fundamentaram estudos semióticos, linguísticos e discursivos.

Pode-se reconhecer, nesse sentido, a existência de um espectro metafísico nos estudos linguísticos, que varia desde a manutenção da dicotomia kantiana dos objetos-em-si *versus* as representações, como o que aparece na Linguística de Saussure (2008), até a total dissolução do sujeito (Eco, 1981) e da realidade objetiva (Derrida, 1997). Dessa forma, não se pode entender os estudos do discurso ou da linguagem como um bloco homogêneo de visões de mundo; mas como um complexo grupo de perspectivas que tem em comum a linguagem como objeto de estudo.

Ademais, a linguagem passou a ser objeto de análise dos Estudos das Ciências (*Science Studies*)¹, ou de pesquisas sobre as ciências em geral, por diferentes caminhos. Apenas para citar alguns exemplos, Halliday (2004) identifica o poder das metáforas gramaticais na prática científica, Latour e Woolgar (1986) conectam a estrutura fraseológica utilizada para se falar de determinado fato com o “grau de realidade” atribuído a ele, e Simpson (2005, 2010) analisa figuras de linguagem e elementos retóricos no tratado de Teoria Eletromagnética de Maxwell. Na pesquisa em Educação em Ciências, a linguagem também ganhou um papel de destaque, principalmente, nas perspectivas socioculturais, as quais têm origem nas reflexões de Vygotsky sobre o papel mediador da linguagem na ação humana (Wertsch, 1985, 1993), como o que acontece na proposta de Lemke (1990) sobre “Falar Ciência”.

Reconhecendo a importância da linguagem nas pesquisas contemporâneas e a variedade de posicionamentos ontológicos e epistemológicos possíveis nesse tipo de pesquisa, nosso objetivo principal, neste artigo, é apresentar a Teoria do Enunciado Concreto do Círculo de Bakhtin – designação dada por Souza (2002) – como referencial teórico-metodológico para os Estudos das Ciências e para a Pesquisa em Educação em Ciências. Conforme defenderemos ao longo do texto, o motivo para elaborarmos tal proposta é o fato de que a construção bakhtiniana rompe com a metafísica de Kant, sem recair, entretanto, em uma visão subjetivista ou objetivista da realidade, o que a aproxima dos Estudos das Ciências². Com isso, a Teoria do Enunciado Concreto oferece subsídios teóricos para que se possa analisar as Ciências e a Educação em Ciências em suas relações com a Natureza e a Sociedade, explicitando suas dimensões epistêmicas e políticas, o que é, especialmente, interessante quando se adota a perspectiva CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) e os referenciais socioculturais de uma forma geral.

Ademais, deve-se ter em mente que as obras de Mikhail Bakhtin tiveram grande influência em diferentes campos sociais, culturais e científicos. As reflexões conduzidas pelo seu grupo, reconhecido no ocidente como Círculo de Bakhtin, protagonizado por Bakhtin (1895-1975), Voloshinov (1895 – 1936) e Medvedev (1892-1938), se tornaram uma importante fonte teórica para estudos sobre os processos de interação em espaços sociohistoricamente situados. A maior parte dos textos e ensaios do Círculo de Bakhtin foram publicados em Leningrado, no período compreendido entre 1924 e 1929 (Clark & Holquist, 1984).

Não se pode desconsiderar a existência de um debate em torno de questões relacionadas ao Círculo, como, por exemplo, sobre a autoria de algumas obras e até mesmo sobre a existência de um efetivo grupo em torno de Bakhtin. O que não se pode questionar, contudo, é a relevância das obras desses autores no desenvolvimento de toda uma teoria relacionada com a filosofia da linguagem.

Clark e Holquist (1984) afirmam que as obras “O freudismo: um espaço crítico” (Voloshinov, 1987); “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (Voloshinov, 1986b); “The formal method in literary scholarship: A critical introduction to sociological poetics” (Bakhtin & Medvedev, 1991) e “A estrutura do enunciado” (Voloshinov, 1981), provavelmente são de autoria bakhtiniana. Os autores apontam em sua biografia sobre Bakhtin que possuem “provas” de que os textos são efetivamente de sua autoria, porém não podem revelar as suas fontes. Por isso, Morson e Emerson (2008) destacam que os argumentos dos biógrafos Clark e Holquist (1984) são frágeis, baseados em depoimentos imprecisos e sem apresentar fontes confiáveis. Os autores ainda chamam a atenção para o fato de que Voloshinov e Medvedev não seriam apenas seguidores de Bakhtin, pelo contrário, seriam fortes influências para a construção teórica do autor. Essa polêmica em torno das obras é representada pela variação no nome dos autores observada nas diferentes edições dos textos ao longo do mundo. Souza (2002) destaca que a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL) foi atribuída apenas a Voloshinov nas edições russa e inglesa e, nas edições francesa e brasileira, aparece assinada por Bakhtin juntamente com Voloshinov. Ainda sobre essa obra, Bronckart e Brota (2012) sustentam que Bakhtin teria

1 Estudos das Ciências é um termo genérico utilizado para designar as pesquisas sobre as Ciências, usualmente sob um viés sociológico (Latour, 1999).

2 Muitos autores reconhecem que a modernidade é construída sobre a premissa metafísica de que existe um mundo objetivo e objetivável (como na metafísica de Kant), pronto para ser descoberto (ainda que inacessível) e utilizado em nosso benefício (Arendt, 2007; Freire, 2013; Latour, 2013; Mies & Shiva, 2014). De acordo com esses autores, essa visão é o que subsidia a noção de uma ciência privilegiada epistemologicamente e que, portanto, estaria acima de qualquer “contaminação” cultural ou social. Os Estudos das Ciências, por outro lado, têm incansavelmente expressado a dimensão cultural, política e social das ciências, o que motiva uma revisão de tal metafísica (Latour, 1999). É reconhecido, também, que a proposta de psicologia social de Vygotsky rompe com a metafísica kantiana, exigindo uma ontologia relacional (Stetsenko, 2008).

afirmado, num primeiro momento, que ditara seu texto para Voloshinov. Posteriormente teria alterado essa versão, dizendo que havia ditado esse texto para sua esposa. Essa alteração nas versões sobre autoria causaram uma maior desconfiança sobre o papel de Bakhtin na elaboração dessas obras. Bronckart e Brota (2012) são enfáticos ao afirmar que:

“Definitivamente, essa questão só existe porque Bakhtin, em muitas ocasiões, afirmou ser o verdadeiro autor dos textos assinados por seus “amigos” prematuramente desaparecidos. Ora, o que mostram, com absoluta evidência, os relatos das entrevistas que ele deu é, por um lado, que Bakhtin mentiu (e sua esposa mentiu com ele) e, por outro, que seus promotores não podiam ignorar essas mentiras e que, por isso, se tornaram cúmplices!” (p. 232).

Por outro lado, Yaguello (2002) apresenta dois motivos pelos quais Bakhtin não teria assumido a autoria das obras *O freudismo* e *MFL*: primeiro, Bakhtin haveria supostamente se recusado a aceitar as modificações propostas pelo editor dos livros, preferindo não publicar a ter que alterar a ter que virgula se quer. Com isso, Voloshinov e Medvedev assumiram as responsabilidades e endossaram as alterações. O outro motivo estaria ligado à modéstia científica de Bakhtin, procurando manter uma discricção e um anonimato acadêmico. Além disso, para Schnaiderman (1983), após visitar o próprio Bakhtin nos anos 70, aponta que não existe conhecimento suficiente dos fatos ocorridos para assumir opinião definitiva sobre a questão da autoria.

Mesmo que a questão da autoria não tenha uma solução imediata, deve-se levar em consideração a importância e o prestígio atribuído a Bakhtin. Para Souza (2002), ele é um dos maiores pensadores do século XX e é sobre ele que se escrevem biografias e se fazem estudos valiosos. Todo esse investimento teórico só poderia ser feito quando nos deparamos com a obra de um dos grandes filósofos contemporâneos. Apesar de toda a discussão precedente, destacamos que a polêmica sobre os textos disputados alcança um feito notável: exemplifica a teoria dialógica que permeia toda a obra do Círculo. Devemos considerar o diálogo entre as vozes dos três pensadores – Bakhtin, Voloshinov e Medvedev – no momento da elaboração dessas obras (Souza, 2002).

Os estudos do Círculo de Bakhtin têm como objeto de crítica as dicotomias saussurianas (Emerson, 1983), que são um representante do chamado objetivismo abstrato; e a concepção filosófica do subjetivismo idealista, representada por Humboldt e Vossler (Silva & Leite, 2013) – as quais podem ser interpretadas como comprometidas com a metafísica de Kant (2005), uma vez que essa ressalta a separação ontológica entre sujeito e objeto (Latour, 2013, 2017).

Saussure entende que a língua é um elemento que vai além do individual, sendo um sistema de comunicação entre membros de uma mesma comunidade linguística, ou seja, é um *“tesouro depositado em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade”* (Saussure, 2008, p. 21).

No sentido atribuído por Saussure, a língua se impõe ao sujeito, pois é um sistema cristalizado e dado pela comunidade ao indivíduo, no qual não há espaço para leis ideológicas (Saussure, 2008). Em oposição à língua (*langue*), existe a fala (*parole*), que é individual e assistemática, enquanto a língua, como visto, é social e sistemática (Silva & Leite, 2013). Essa retirada do sujeito do ato de fala resulta também na exclusão do interlocutor, eliminando da língua, na visão saussuriana, sua perspectiva dialógica (Indursky, 2000). Ademais, na posição filosófica do objetivismo abstrato, fundamentada nas ideias saussurianas, a língua é um sistema composto por signos que servem de instrumento para a comunicação dos indivíduos e podem ser modificados pelos sujeitos apenas de forma fortuita e aleatória, não sendo de interesse para o estudo da linguística.

Por outro lado, a posição do subjetivismo idealista, muito influenciada por Wilhelm Humboldt, destaca que a língua é essencialmente uma criação individual, fruto da criação psicológica. Nessa visão, a psique do sujeito é considerada o motor das ações humanas, reduzindo assim a influência do social sobre a língua. *“No lugar do ‘eu penso’ kantiano – associado à unidade transcendental da percepção –, Humboldt coloca a intersubjetividade, representada pelas diferentes perspectivas dos participantes da comunicação [...]”* (Segatto, 2009, p. 195). Para Humboldt (1999), a língua é um tipo de ação humana produzida por estados mentais internos, como os desejos, crenças e pensamentos. Estes estados mentais internos são como que o combustível para a materialização de fenômenos culturais externos, como a linguagem humana. Apesar de considerar a linguagem como uma atividade produzida a partir de processos mentais internos, ele nega que ela seja construída voluntariamente pelos seres humanos. Quer dizer, a linguagem é uma atividade involuntária, livre e autônoma, ou seja, ela não é condicionada por outras causas. Nesse mesmo sentido, assume uma postura idealista que defende que o indivíduo é totalmente livre para criar e recriar expressões

linguísticas, não importando o contexto de elaboração dessa fala, em contraposição aos ideais do objetivismo abstrato.

Em resumo, a concepção da filosofia da linguagem do Círculo, muito bem descrita na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Voloshinov, 1986b), surge como síntese dialética após a rejeição das teses do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato. Para Bakhtin/Voloshinov (2006), o ato de fala, não pode ser considerado um ato individual explicado a partir de características psíquicas do sujeito, pois ele é de natureza social. Os autores destacam que a criatividade da língua não coincide com a criatividade artística como sugere o subjetivismo idealista, mas também não pode ser desvinculada de valores ideológicos como preconizado pelo objetivismo abstrato. Conforme a discussão anterior, a obra MFL, na qual as críticas ao subjetivismo e ao objetivismo estão muito bem detalhadas, está no centro do embate sobre a polêmica da autoria.

A despeito de entendermos a existência de uma sobreposição de autores na elaboração dessas obras, no presente artigo nos propomos a apresentar a *Teoria do Enunciado Concreto* (Souza, 2002) - a qual já é um fruto das discussões do Círculo de Bakhtin, aparecendo de forma estruturada no texto *Os Gêneros do Discurso* (Bakhtin, 2016) - à luz das bases filosóficas que influenciaram o pensamento de Mikhail Bakhtin, a partir do que é apresentado pelo autor, principalmente, em *Para uma Filosofia do Ato* (possivelmente sua primeira obra). Assim, este trabalho tem os seguintes objetivos: apresentar as filiações filosóficas do trabalho de Bakhtin; analisar a sua Teoria do Enunciado Concreto a partir das bases filosóficas explicitadas; e apresentar reflexões sobre a Metalinguística como um método de pesquisa para as Ciências Humanas, em geral, e para a pesquisa em Educação em Ciências mais especificamente. Por fim, um exemplo de análise apoiada na Teoria do Enunciado Concreto é apresentado.

Ressaltamos, ainda que, dentro da área de pesquisa em Educação em Ciências, muitos são os trabalhos que se utilizam de referenciais teóricos sobre discurso. Dessa diversidade de autores e teorias, três nomes (autores) se destacam: Bakhtin, Orlandi - análise do discurso da linha francesa - e Bardin - representante da análise de conteúdo (Veneu *et al.*, 2015). A utilização da análise discursiva bakhtiniana³ nas pesquisas da área da Educação em Ciências são muito diversas, revelando as potencialidades desse referencial teórico em pesquisas do campo educacional. Encontramos trabalhos que se apropriam da filosofia da linguagem desenvolvida pelo Círculo para analisar discursos proferidos por alunos e professores (Sepulveda & El-Hani, 2006; Leal & Mortimer, 2008; Bossler *et al.*, 2009; Rezende *et al.*, 2011; Ferraz & Rezende, 2014; Souza; Rezende & Ostermann, 2016); para analisar livros e materiais didáticos (Braga & Mortimer, 2003; Piassi *et al.*, 2009; Ferreira & de Almeida Raboni, 2013; Almeida & Lima, 2016; Lima, Antunes Jr, Cavalcanti, & Ostermann, 2017; Lima, Ostermann, & Cavalcanti, 2017; Lima, Souza, Cavalcanti, & Ostermann, 2018); para auxiliar na discussão de propostas curriculares, políticas públicas e documentos oficiais (Borges & Rezende, 2010; Catarino *et al.*, 2013; Oliveira *et al.*, 2015; Nascimento; Ostermann & Cavalcanti, 2017); e para auxiliar na formação/construção de conceitos/sentidos (Sá *et al.*, 2011; Lima *et al.*, 2011; Crepalde & Aguiar Júnior, 2013).

Apesar desse importante número de investigações que se ancoraram nas ideias do Círculo e de os trabalhos precursores que se apropriaram de referenciais da análise do discurso em pesquisas da área da Educação em Ciências completarem mais de uma década de publicação (Mortimer & Scott, 2002; Almeida, 2004; Martins, 2007), um problema recorrente observado na maior parte das produções sob esse viés é a falta de problematização das “filiações” epistemológicas do referencial linguístico para as próprias pesquisas produzidas (Veneu *et al.*, 2015). Portanto, torna-se necessária a discussão sobre as bases filosóficas, ontológicas e epistemológicas da Teoria do Enunciado Concreto no âmbito da pesquisa em Educação em Ciências, uma vez que percebemos o crescente número de investigações que se apropriam da análise bakhtiniana de discurso como referencial teórico-metodológico. Essa pesquisa vai ao encontro do trabalho de Veneu e colaboradores (2015) pois, além de apresentar e detalhar as bases filosóficas que sustentam a construção teórica de Bakhtin, avança na elaboração de uma proposta de trajetória analítica que fundamente uma análise discursiva subsidiada pela visão filosófica de Bakhtin.

FILIAÇÕES FILOSÓFICAS DE MIKHAIL BAKHTIN

A produção intelectual do Círculo de Bakhtin é fortemente associada, na literatura, à teoria marxista. Não somente pela obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, mas por toda construção elaborada no período em que o grupo se reuniu. O problema da autoria discutido na introdução, entretanto, levanta questões sobre

³ Na obra de Bakhtin, não há proposta de tal análise. A análise discursiva bakhtiniana, assim, já se refere a uma apropriação e aplicação de sua construção como metodologia de pesquisa.

a identificação de Bakhtin propriamente com essa visão filosófica. Não deixa dúvida, contudo, sobre a filiação de outros membros do Círculo.

No fim de sua vida, Bakhtin revelou um esconderijo onde se encontravam escritos do início de sua vida acadêmica, datados de 1919 a 1921. Entre eles, encontrava-se o texto *Para uma Filosofia do Ato*, provavelmente o primeiro texto de Bakhtin. Nele encontramos uma profunda e robusta filosofia, em complexo e apaixonado diálogo com o debate neo-kantiano, inspirado na Escola de Marburg (liderada por Hermann Cohen) (Holquist, 1999). Em especial, nesse texto, Bakhtin se opõe ao imperativo ético de Kant e busca a reintegração do mundo objetivo da cultura e o mundo subjetivo das experiências do Ser. Em síntese, em *Para uma Filosofia do Ato*, Bakhtin busca reatar os polos ontológicos (objetivo-subjetivo) que Kant separou – visão similar àquela defendida, atualmente, por sociólogos da ciência como Bruno Latour (2013, 2017).

Ademais, Holquist (1990) argumenta que Bakhtin teve contato e interesse pelos desenvolvimentos da Física Moderna (do início do século XX) e, em especial, pela Teoria da Relatividade de Einstein. Nesse sentido, pode-se interpretar que, enquanto Einstein articulou a noção de que não pode haver nenhum referencial privilegiado para descrever a natureza, Bakhtin, analogamente, propôs a noção de que nenhum sujeito pode ocupar um local privilegiado para produzir um enunciado, nem sobre si mesmo.

Por fim, ainda que os conceitos marxistas não apareçam explicitamente nos textos iniciais de Bakhtin e na obra *Os Gêneros do Discurso*, da qual analisaremos a Teoria do Enunciado Concreto, é impossível negar o diálogo de Bakhtin com a filosofia marxista. Em especial, a orientação social do enunciado proposta por Voloshinov (1986) e a identificação do enunciado como unidade dialética de análise (em consonância com o que é realizado em estudos marxistas), seguem presentes na proposta de Bakhtin.

Assim, nessa seção, queremos expandir a concepção usual das filiações filosóficas de Bakhtin, ressaltando não somente aspectos do marxismo, mas do neo-kantismo e da física Moderna, presentes em sua obra. Ao fazer isso, esperamos criar os subsídios teóricos para melhor interpretar a Teoria do Enunciado Concreto presente no texto *Os Gêneros do Discurso*.

Crítica a Kant: Reatando o Objetivo e o Subjetivo

Em *Para uma Filosofia do Ato*, Bakhtin apresenta sua visão ético-fenomenológica, buscando integrar o mundo da vida, em que a consciência experiencia e realiza os eventos no Ser como um processo; e o mundo da cultura, no qual os atos são objetivados. Para tanto, Bakhtin define o “Ato” como uma unidade integral e singular, que acontece uma e única vez no processo do Ser, mas que se dirige, ao mesmo tempo, ao mundo da vida e ao mundo da cultura. Por meio de cada ato, a cultura entra na vida e a vida entra na cultura:

“Um ato de nossa atividade, de nossa experiência real, é como um Janus de duas faces. Ele olha em duas direções opostas: ele olha para a unidade objetiva do domínio da cultura e a singularidade nunca-repetível da vida realmente vivida e experienciada. Mas não existe um plano unitário e único onde ambas faces determinariam mutuamente uma à outra em relação a uma unidade singular e única. É apenas o evento único no Ser em processo de realização que pode constituir essa unidade; tudo que é teórico ou estético deve ser determinado como momento constituinte do evento único do Ser, não mais, é claro, como termos teóricos e estéticos” (Bakhtin, 1999, p.2, tradução nossa).

Ou seja, para Bakhtin, a cisão entre o mundo objetivo da cultura e o mundo subjetivo da experiência do Ser só podem ser entendidos como um artifício intelectual. Cada elemento teórico ou cultural só pode existir enquanto um evento único. Nesse sentido, todo ato é duplamente responsável: ele responde pela sua história no Ser (responsabilidade moral) e pelo seu conteúdo em relação ao mundo da cultura (responsabilidade especial), a qual integra a primeira. Assim, ainda que um certo juízo ganhe caráter objetivo no mundo da cultura, ele só existe enquanto um evento único e não repetível no Ser em Processo. As teorias objetivas são apenas um elemento que compõe a eventicidade do Ser, através da qual realmente vivemos, experienciamos, relacionamo-nos, etc.

Tal visão sobre a singularidade e não reprodutibilidade dos atos na experiência do Ser em processo se contrapõe diretamente aos fundamentos da filosofia kantiana (Kant, 2005), segundo a qual o que garante a validade de certos juízos é justamente o fato de que todos os espíritos compartilham das mesmas categorias *a priori* (Latour, 2017). Essa total identificação do eu com o outro, para Bakhtin, é impossível, visto que não só cada ato é único na experiência do Ser como cada Ser é único no Ser do mundo.

Nenhum de nós pode abdicar do local único e singular por meio do qual experencia o Ser em processo. A arquitetura pela qual experencio o mundo determina que eu o experencie por meio do “eu”, e eu não posso abdicar dessa posição, nem trocar de local com alguém, o que implica o que Bakhtin chama de “não-álibi na existência”. Ninguém pode ocupar o meu lugar no Ser, ele é só meu. E, dessa forma, nenhum texto, nenhuma teoria, nenhum relato, por mais completo e profundo que seja, será capaz de evidenciar tal lugar. Existe, portanto, uma eterna falta, eterna carência nas teorias.

Assim cada ato é, ao mesmo tempo e indissolúvelmente, um elemento objetivo da cultura e um elemento único e singular no Ser. Avaliar apenas a dimensão objetiva (teórica, estética, epistemológica), como faz Kant e outros teóricos, faz com que nos afastemos do entendimento do Ato como um processo histórico. Por outro lado, negar a objetividade da cultura presente no ato também é uma alternativa incompleta para entender o Ato como uma unidade completa. Como comentamos, as correntes de Saussure e de Vossler representam essas visões reduzidas no caso dos estudos da linguagem.

A proposta fenomenológica de Bakhtin, assim, busca superar a dicotomia objetivismo-subjetivismo da filosofia kantiana. Veremos que a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin também busca a mesma superação com relação aos estudos linguísticos tradicionais. Dessa forma, podemos perceber que a tese filosófica principal do Círculo de Bakhtin sobre a comunicação verbal, uma síntese dialética do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, herda a visão de mundo discutida por Bakhtin antes da existência do próprio Círculo.

Física Moderna: Desconstruindo Referenciais Absolutos

O desenvolvimento da Mecânica Newtoniana implicou a consolidação da noção de espaço e tempo absolutos, isto é, como componentes da realidade objetivamente existentes, sendo experienciados por todos os observadores do universo da mesma forma (Jammer, 1993). Na metafísica de Kant (2005), por exemplo, espaço e tempo são apresentados como categorias *a priori*. A Teoria Eletromagnética, entretanto, introduziu a descrição de campos, que, em certo nível, depende da velocidade do referencial adotado – o que, imediatamente, suscita o questionamento: “velocidade em relação a quê?”. Até 1905, concebia-se a existência de um referencial absoluto, no qual o éter (uma substância que permearia o Universo) estaria em repouso, para o qual as leis da teoria eletromagnética seriam válidas.

Em 1905, entretanto, Einstein (1905) propôs o abandono do conceito de éter, assumindo que as leis do eletromagnetismo deveriam ser válidas para todos os referenciais inerciais (aqueles que não estão acelerados) e, posteriormente, generalizou sua teoria para todo e qualquer referencial (Einstein, 1999). Ou seja, pode-se sintetizar a contribuição da Teoria da Relatividade como a superação da noção de referenciais privilegiados. As consequências disso, entretanto, são radicais, como a interdependência entre tempo e espaço (criando a noção de espaço-tempo) e, portanto, a relativização da medição de intervalo espacial e temporal.

A noção de que cada Ser ocupa um local único e singular no Ser do mundo, de certa forma, incorpora a noção de que não é possível encontrar um “referencial” a partir do qual a descrição do mundo possa ser feita de forma absoluta. Um texto científico, por mais “objetivo” e “verdadeiro” que seja, jamais expressará o meu lugar único no Ser do mundo. E, mais, do lugar que ocupo, percebo o mundo e a mim mesmo de uma forma específica. A descrição que posso fazer sobre o mundo e sobre mim mesmo é sempre a partir desse local (geométrico e psicossocial). Quando outra pessoa me descreve, entretanto, ela é capaz de ver em mim elementos que eu mesmo sou incapaz, pois ela me vê a partir de seu lugar único no mundo.

Ou seja, o outro sempre apresenta um “excedente de visão” sobre o mundo (Bakhtin, 2011). Esse excedente de visão, entretanto, não pode ser entendido como algo absoluto. O outro possui um excedente de visão em relação à minha visão; mas eu possuo um excedente de visão em relação à visão do outro. Nesse sentido, toda descrição do mundo é local e única. Ademais, os elementos que aparecem nessa descrição não são propriedades puramente daquilo que é descrito, mas de minha posição sobre aquilo. Nesse sentido, em um texto literário, há, sempre, na descrição do herói, elementos que falam não do herói, mas do autor – o que Bakhtin chama de “Princípio da Exotopia” (Bakhtin, 2011). É nesse sentido que Holquist faz um paralelo entre a contribuição de Bakhtin para a linguística e de Einstein para Física (Holquist, 1990).

Outro conceito bakhtiniano diretamente influenciado pela Teoria da Relatividade é o de cronotopo, definido no glossário feito por Holquist como:

“Literalmente ‘espaço-tempo’. Uma unidade de análise para estudar textos de acordo com a razão e natureza das categorias espaciais e temporais representadas. A distinção desse conceito em oposição à maioria dos outros usos de tempo e espaço na análise literária reside no fato de que nenhuma categoria é privilegiada; elas são interdependentes. O cronotopo é uma ótica para ler textos como raios-x das forças em trabalho no sistema cultural do qual elas nascem” (Bakhtin, 1986, p. 426, tradução nossa).

Marxismo: A Orientação Social do Enunciado

À abordagem fenomenológica de Bakhtin o Círculo acrescentou a necessidade de se levar em consideração o método sociológico na análise dos atos mediados pela linguagem (os enunciados) (Souza, 2002). Pode-se entender que, nesse período, o Círculo fez o esforço de relacionar a visão de mundo de Bakhtin com o materialismo marxista, visão predominante na União Soviética. Em especial, o pensador russo, juntamente com Voloshinov e Medvedev, valeu-se dessa perspectiva para entender o papel da linguagem na poética (Voloshinov, 1986a), no método formal (Bakhtin & Medvedev, 1991), na psicologia (Voloshinov, 1987) e na Filosofia da Linguagem (Voloshinov, 1986b).

Ainda que no texto *Os Gêneros do Discurso*, os conceitos marxistas não apareçam explicitamente como nas obras, hoje, atribuídas a Voloshinov, não se pode negar que Bakhtin dialoga com a visão marxista. Em especial, deve-se notar que o Ser no mundo, de cujos enunciados Bakhtin falará, não está apartado do mundo; mas é responsável a ele. Isto é, os atos não expressam apenas a volição do sujeito, mas respondem ao mundo também. O sujeito é um ser que se constrói e produz seus atos no campo de atuação humana em que se encontra. Em especial, os enunciados verbais proferidos, como discutiremos, têm suas características determinadas justamente por esses campos de atuação, os quais são, necessariamente, sociais. A dupla responsabilidade de que Bakhtin fala (a moral e a especial) é o que caracteriza cada ato do Ser como sendo ao mesmo tempo único (singular) e, mesmo assim, socialmente estabelecido. Dessa forma, no centro da formação do ato não está um eu independente do mundo; mas um eu e a relação dele com o outro, com os outros, com a sociedade, com a cultura. É a alteridade que determina o ato e não uma subjetividade abstrata – o que Voloshinov (1986) chamou de orientação social do enunciado.

Além disso, como veremos, a proposta de uma Teoria do Enunciado Concreto alinha-se a estudos marxistas, que buscam a unidade que compõe um sistema e, a partir daí, explicitam os pares dialéticos que ela mobiliza. No caso, o enunciado é definido como a unidade da comunicação verbal, sendo tensionado pela volição subjetiva do locutor e pela objetividade do campo de atuação em que é proferido, ou, também, pelos enunciados anteriores e pelos futuros.

UMA PROPOSTA PARA A INTERPRETAÇÃO DA TEORIA DO ENUNCIADO CONCRETO

Estamos denominando de Teoria do Enunciado Concreto (Souza, 2002) a proposição de Bakhtin (2016) sobre a natureza dos Enunciados e dos Gêneros do Discurso. O texto original está estruturado em duas seções: “O Problema e Sua Definição”; e “O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações)”. Conforme discutido, neste trabalho, tentaremos iluminar a Teoria do Enunciado Concreto a partir das premissas filosóficas explicitadas.

Para tanto, dividimos nossa apresentação em quatro tópicos. No primeiro, fazemos uma conexão direta do conceito de enunciado com a visão fenomenológica de Bakhtin sobre o Ato, se opondo à metafísica de Kant. No segundo, apresentamos a visão de comunicação de Bakhtin, se opondo aos reducionismos de Saussure e Vossler (como consequência de sua visão metafísica) e identificamos seus compromissos com o marxismo. No terceiro, apresentamos as características do enunciado concreto, acrescentando contribuições advindas da Filosofia da Física Moderna. Por fim, no quarto, apresentamos uma síntese da visão de Bakhtin, revelando mais uma de suas filiações filosóficas – a monadologia de Leibniz.

Enunciado (a Unidade da Comunicação Verbal) como Ato

Para Bakhtin, a vida pode ser entendida como um grande e complexo ato, do qual atos individuais podem ser reconhecidos. Ademais, é uma característica da atividade humana ser, quase sempre, mediada ou acompanhada pela linguagem: “*Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem*” (BAKHTIN, 2016, p.11).

Assim, podemos usar a noção marxista de unidade dialética para reconhecer ou identificar o que seria o menor elemento possível da ação discursiva humana. Esse menor elemento de comunicação é o que Bakhtin denomina de enunciado. Ele pode ser uma resposta monossilábica em um diálogo no meio da rua ou um longo romance. O que caracteriza os limites da unidade discursiva, o enunciado, é a fala concreta e singular do locutor: o enunciado começa quando o locutor começa a falar e termina quando ele termina de falar. Nesse trabalho, o enunciado é adjetivado como concreto, porque Bakhtin está interessado em analisar atos discursivos reais, concretizados no mundo da vida, e não somente signos abstratos do mundo da cultura (Souza, 2002). O enunciado concreto, portanto, pertence ao mesmo tempo ao mundo da vida e da cultura. Ele é um ato que usa a linguagem como meio de realização. Nesse sentido, o enunciado é, inevitavelmente, um evento único no Ser em processo, um todo completo que se direciona ao mesmo tempo ao mundo da vida e ao mundo da cultura: *‘A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua’* (BAKHTIN, 2016, p.16).

Por ser esse todo orgânico, único, todos os elementos constitutivos do enunciado devem ser entendidos como indissociáveis, podendo ser analisados separadamente apenas como um exercício de abstração (Souza, 2002). Essa completude, natural a todo ato, reflete não somente a volição do eu, mas da relação do eu com o mundo; ele está duplamente direcionado, voltando-se para a vida e para a cultura, para o sujeito e para a sociedade:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (Bakhtin, 2016, p.11).

Assim, o enunciado não é somente bifacial no sentido de que une cultura e vida em um ato único, ele também tem uma natureza dual pois é construído na articulação entre as condições e finalidades do campo de atuação e da expressão individual emocionalmente valorativa que relaciona o sujeito com o tema do seu enunciado e com sua visão dos enunciados dos outros sobre os temas. Em especial, sobre a relação do enunciado com o campo de atuação humana, Bakhtin argumenta: “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 12).

Ou seja, o enunciado é gerado a partir de uma tensão. Ele é, por um lado, único e singular, pois é um ato, um evento no Ser em processo. Isso significa que ele é proferido de um local único no mundo e no Ser do mundo, que jamais poderá ser repetido ou experienciado da mesma forma por outro ser, visto que todos estamos submetidos a um não-álibi na existência. Por outro lado, esse enunciado não é uma produção totalmente livre do sujeito, visto que esse, quando se encontra em um determinado campo de atuação humana, terá que se valer de um determinado tipo de enunciado já estabilizado pelo campo de comunicação, o qual se denomina gênero do discurso. Ou seja, a liberdade do indivíduo se manifesta primeiramente pela escolha do gênero do discurso em que irá se expressar. Ninguém é obrigado a escrever um artigo científico, por exemplo. Depois de escolher escrever um artigo científico, a liberdade do locutor passa a ser limitada, pois ele terá que produzir um enunciado com características mais ou menos estáveis, determinadas pelas regras da revista por exemplo, ou socialmente aceitas por aquela comunidade científica. Isso é apresentado por Bakhtin da seguinte forma:

“A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. Em seguida, a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero” (Bakhtin, 2016, p.37).

Depois de escolhido o campo de atuação humana em que irá se comunicar, e, por consequência, o gênero do discurso que irá usar, o locutor ainda tem alguma liberdade para expressar sua vontade pessoal. Essa liberdade é maior ou menor dependendo do gênero do discurso usado. Uma música, por exemplo, pertence ao gênero artístico e, portanto, o autor tem mais liberdade de expressão do que em um artigo científico que, por sua vez, tem mais liberdade do que em um documento oficial.

Assim, todo ato discursivo, enunciado, é único e singular, porque é um evento do Ser, mas é sempre social, visto que é construído em um gênero do discurso. Ele possui elementos que expressam a liberdade do autor e elementos que refletem a condição do campo de comunicação em que é produzido.

Concepção de Comunicação

A comunicação, usualmente, é retratada pela linguística tradicional por meio de um esquema linear, o que é conhecido, também, como a metáfora do conduto (Packer, 2000). Nessa concepção, o locutor possui um projeto de fala, algo que deseja expressar, essa informação é, então, transmitida por meio do discurso verbal para o interlocutor, que, então, recebe e entende essa informação.

Para Bakhtin, essa é uma visão muito reduzida do processo comunicativo concreto. A produção de um enunciado não pode ser entendida como um fenômeno linear. Primeiramente, deve-se notar que o enunciado concreto não é proferido para um interlocutor qualquer, mas para um interlocutor específico, ele é endereçado a alguém: “Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento” (BAKHTIN, 2016, p.62). O fato de esse interlocutor não ser um sujeito abstrato, mas alguém concreto traz implicações para própria produção do enunciado:

“De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, mas literalmente a partir da primeira palavra do falante. (...) O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma execução, etc” (Bakhtin, 2016, p. 25).

Ou seja, compreender um enunciado não é um processo passivo. A compreensão só acontece quando o interlocutor produz uma resposta (ele concorda, discorda, estranha, polemiza, etc.). Quando o locutor produz seu enunciado, ele o faz sempre de forma intencional; o enunciado não é um produto aleatório, mas uma ação, um ato, fruto da vontade. O locutor, portanto, estrutura seu enunciado almejando produzir uma resposta específica no seu interlocutor concreto – isso é o que Voloshinov (1981) chamou de orientação social do enunciado. Bakhtin prossegue:

“Ademais todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus alheios – com o quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 2016, p. 26).

Assim, um enunciado não somente é determinado pela suposta resposta que ele provocará; mas ele mesmo, também, é uma resposta a enunciados anteriores. Essa resposta pode ser pensada, no sentido mais estrito, como uma resposta em um diálogo, ou, em um sentido mais amplo, como o posicionamento do enunciado frente a outros enunciados sobre o mesmo tema. Nesse caso, um enunciado sempre dialoga com os enunciados anteriores e provoca os enunciados vindouros, sendo, por isso, entendido como um elo na cadeia de comunicação verbal.

Características do Enunciado Concreto

Já discutimos, até o momento, que o enunciado concreto pode ser entendido como um ato, como essa unidade integral da experiência do Ser, que se dirige indissolúvelmente ao mundo da vida e ao mundo da cultura. Nesse sentido, o enunciado tem uma arquitetônica “espacial”: ele se determina, ao mesmo tempo, pela subjetividade do “eu” que o enuncia e pelas características objetivas do gênero do discurso em que é produzido. Ademais, o enunciado também é tensionado na dimensão “temporal”: ele se direciona aos enunciados anteriores, respondendo-os e aos enunciados futuros, antecipando-os. Ou seja, o enunciado é uma unidade concreta, única, singular, que se distribui no espaço-tempo (cronotopo) da vida e da cultura.

Interessa-nos, agora, descrever as características deste enunciado; pois elas poderão servir como objetos de análise de pesquisa naquilo que denominamos *Metalinguística*, a qual discutiremos na próxima seção. Em especial, interessa-nos comparar as características do enunciado, enquanto unidade da comunicação verbal, com as características da oração, unidade da língua. Ao fazer isso, conseguimos explicitar as especificidades do enunciado concreto e, por consequência, da metalinguística.

A oração é definida como um conjunto linguístico que se organiza em torno de um verbo. Essa unidade apresenta elementos de natureza morfológica (substantivos, adjetivos, pronomes, verbos) e que desempenham funções sintáticas (sujeito, verbo, predicado, etc.). Embora a oração possua uma conclusibilidade semântica gramatical (ou seja, é possível entender o significado de uma oração) ela não possui conclusibilidade concreta. Isto é, não se pode responder a uma oração, pois ela não é um elemento da comunicação verbal. Quando, em um diálogo, uma pessoa profere uma oração, essa, então, passa a ser, também, um enunciado, tendo não somente conclusibilidade gramatical, mas conclusibilidade concreta. Além disso, orações possuem tipicamente entonações gramaticais e ritmos próprios da língua, os quais, entretanto, não trazem consigo nenhum tipo de valoração subjetiva e emocional, sendo uma característica da língua.

Um enunciado, por outro lado, não é definido por um elemento morfológico ou sintático (como a presença de um verbo), mas sim pela realização concreta na vida e na cadeia de comunicação verbal. Em especial, Bakhtin apresenta duas características que determinam os limites de um enunciado. O primeiro é a alternância de sujeitos: um enunciado começa quando um locutor fala e termina quando ele acaba de falar, dando início a uma resposta. A possibilidade de responder é o que Bakhtin chama de conclusibilidade, a qual é a segunda característica que pode ser usada para identificação dos limites do enunciado. A conclusibilidade, por sua vez, pode ser identificada de três formas. A primeira é a exauribilidade semântico-objetual; a segunda é o projeto de fala do locutor; a terceira é o estilo de acabamento específico de cada gênero.

A exauribilidade semântico-objetual significa a finalização de sentido que o autor pode dar sobre o objeto de que se fala. Obviamente, essa finalização nunca é peremptória, mas contingente ao contexto de fala. O projeto de fala, por sua vez, se comunica com a exauribilidade semântico-objetual, visto que significa a vontade de produzir sentido do locutor. Conseguimos identificar qual é a intenção daquele que fala e, logo, podemos identificar quando esse projeto é finalizado. Por fim, cada gênero do discurso possui uma forma de acabamento típico: artigos científicos terminam com a seção de conclusão e referências; perguntas em um diálogo escrito terminam com ponto de interrogação, perguntas no diálogo oral possuem uma entonação típica de pergunta, etc.

Essas duas características servem para identificarmos o enunciado, que passa a ser, então, a unidade de análise (como é feito em muitas análises marxistas). Em especial, Bakhtin ressalta três características do enunciado: tema, estilo e estrutura composicional. O tema é o assunto sobre o qual se fala em um enunciado, o estilo está associado à escolha lexical, fraseológica e sintática e a estrutura composicional à composição do enunciado (se for um livro, capítulos, seções). Essas três características estão diretamente associadas ao gênero do discurso em que certo enunciado é produzido e à vontade de fala do próprio locutor. Assim, o gênero dos artigos científicos permite que o locutor fale sobre um certo conjunto de temas (ele dificilmente poderá falar sobre Deus, por exemplo, em um periódico sobre plasmas, mas, talvez, esse tema seja cabível em um artigo submetido para uma revista sobre história e filosofia da ciência), exige um certo estilo (o uso de citações de outros trabalhos de mesmo tema, de forma explícita, é uma exigência estilística do gênero científico contemporâneo, por exemplo) e exige uma certa estrutura composicional (título, resumo, introdução, referencial teórico-metodológico, resultados, conclusões, referências). A liberdade do locutor, nesse caso, reside em, primeiramente, decidir produzir um enunciado científico e, depois, em possuir uma liberdade interna, dentro das limitações oferecidas pelo gênero do discurso - ele pode escolher falar de anãs brancas ou de exoplanetas (mas não de astrologia) em um periódico de Astrofísica, ele pode escolher citar um determinado artigo ou outro (mas precisa citar alguém), ele pode escolher a metodologia que usará, mas precisa apresentar uma metodologia, etc.

Ademais, a liberdade do locutor se manifesta pela expressividade que ele utiliza, isto é, pelo tom subjetivo, emocionalmente valorativo em que o locutor manifesta sua relação com o tema do enunciado. No enunciado oral, essa expressividade é manifestada pela tonalidade expressiva. No enunciado escrito, conseguimos inferir e reproduzir o tom utilizado mentalmente. Assim, uma mesma oração-enunciado pode ser proferida com tom sério ou com tom de ironia. A oração é a mesma nos dois casos, mas quando ela se torna um enunciado concreto, o tom utilizado modifica totalmente o seu papel na cadeia de comunicação verbal.

Deve-se notar que o que possui entonação expressiva é o enunciado e não as palavras. Uma palavra sozinha é apenas um elemento da língua, não possuindo nenhum tipo de relação valorativa. É apenas quando

ela é parte de um enunciado que a palavra “recebe uma carga valorativa”. Existem, por exemplo, palavras que tipicamente parecem pejorativas, mas isso não é intrínseco à palavra, mas porque costumamos ouvir essas palavras tipicamente em gêneros e situações específicas. Assim, quando utilizamos essas palavras em nossos enunciados é como se elas herdassem sua tonalidade original, o que Bakhtin chama de “auréola estilística”. Essa ideia é muito importante, pois, dificilmente, aprendemos as palavras diretamente do dicionário; apreendemo-las dos enunciados dos outros. Assim, em nosso enunciado, utilizamos palavras que antes não eram nossas e, portanto, herdamos em algum nível os tons alheios.

“Essa expressividade típica (de gênero) pode ser vista como a “auréola estilística” da palavra, mas essa auréola não pertence à palavra da língua como tal, mas ao gênero em que dada palavra costuma funcionar, é o eco da totalidade do gênero que ecoa na palavra” (Bakhtin, 2016, p.53).

Por fim, o enunciado diferencia-se da oração pela forma como seu significado é estabelecido. A oração tem um significado intrínseco, ou seja, conseguimos entender o que uma oração quer dizer apenas lendo. Isso acontece porque a oração não tem relação com a realidade diretamente. No enunciado isso não acontece. O entendimento do enunciado depende de sua parte extraverbal. Embora isso apareça descrito em *Gêneros do Discurso* é no texto de Voloshinov (1981) que a diferenciação entre dimensão verbal e extraverbal é apresentada em detalhe.

Para Voloshinov (1981) a parte extraverbal de um enunciado é composta por três elementos: o espaço-tempo, o objeto de que se fala, e a posição dos interlocutores sobre o assunto. Ao comentar isso, Voloshinov está pensando nos enunciados produzidos no contexto do diálogo cotidiano. Uma fala isolada como “Viva!” tem seu significado modificado dependendo do contexto extraverbal em que está sendo proferido. Assim, só entendemos seu significado se soubermos do que o locutor está falando (objeto de fala), onde e quando está falando (tempo e espaço) e para quem está falando bem como qual o posicionamento dos interlocutores. Essa ideia, entretanto, também é válida num sentido mais amplo. Um livro, por exemplo, entendido como um enunciado tem seus significados revelados quando levamos em consideração o contexto extraverbal. O autor está se dirigindo a um auditório específico e responde a outros enunciados sobre o mesmo tema:

“A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras - enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 34).

Nesse sentido, pode-se pensar na dimensão “espaço-tempo” desde algo mais restritivo, como no caso do diálogo cotidiano, o cronotopo do contexto social de uma região em certa época e, no sentido mais amplo, todo enunciado pertence a um diálogo nos “campos da comunicação cultural” (BAKHTIN, 2016, p.60). É nesse sentido que cada leitor pode encontrar novos significados a um novo texto. Embora a parte verbal seja sempre a mesma, com o passar do tempo, o enunciado ganha novas relações no diálogo da Cultura, ou seja, existe sempre um novo “excedente de visão”, de forma que a interpretação de um enunciado é sempre nova. Sumarizamos as características dos enunciados em comparação com as orações no Quadro 1.

Quadro 1. Características da oração e do enunciado.

Oração	Enunciado
Significado	Tema
Estrutura Sintática	Estilo
Elementos morfológicos	Estrutura Composicional
Conjunto linguístico que se organiza em torno de um verbo	Limite definido pela alternância de Sujeitos
Conclusibilidade semântica gramatical	Conclusibilidade: 1) Exauribilidade semântico-objetal 2) Projeto de fala 3) Acabamento estilístico
Entonação gramatical	Expressividade (Entonação Expressiva)
Sem relação	Relação imediata com o contexto extraverbal (situação)
Sem relação	Relação com outros enunciados Endereçamento Responsividade

Síntese: Visão Monadal

Fizemos uma apresentação pormenorizada das características do Enunciado Concreto, conectando-as à visão fenomenológica de Bakhtin e às influências da Física Moderna e do Marxismo. Para finalizar tal apresentação, trazemos definições finais do texto *Os Gêneros do Discurso* sobre a natureza do enunciado. Nessa visão sintética o enunciado é caracterizado por sua essência não intrínseca; mas relacional (opondo-se à ontologia kantiana e às dicotomias de Saussure). Isto é, o meu enunciado é constituído pelas palavras dos outros, herdando suas expressões e tonalidades sobre as quais acrescentamos nossas próprias acentuações. O meu enunciado, nesse sentido, nunca é somente meu:

“Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essas experiências podem ser caracterizadas como um processo de assimilação – mais ou menos criador- das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras crias) é pleno de palavras dos outros, e um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (Bakhtin, 2016, p. 54).

Nesse sentido, o enunciado é repleto de tonalidades dialógicas, ele nunca é a expressão pura de um único locutor, *“Porque a nossa própria ideia – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros”* (Bakhtin, 2016, P. 59). Por isso, Bakhtin descreve o enunciado como representado por ecos das alternâncias dos sujeitos do discurso, sendo ele um fenômeno muito complexo e multiplanar. Ao dialogar com os enunciados dos outros, pode-se dizer que

“Os enunciados não são indiferentes entre si nem bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta” (Bakhtin, 2016, p. 57).

Pode-se dizer, assim, que o enunciado herda as vozes (visões de mundo, consciências falantes) de outros enunciados (Wertsch, 1993), muitas vezes as hibridizando em novas visões (Bakhtin, 1986). Essa visão não essencialista do enunciado, reconhecendo-o como um fenômeno complexo, multiplanar e que, apesar de ser a unidade da comunicação, só é determinado por sua relação com os outros, apresenta mais uma filiação filosófica de Bakhtin, a monadologia de Leibnitz:

“Cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como a mônada de Leibiniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (Às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muitos distantes – os campos da comunicação cultural)” (Bakhtin, 2016, p. 60).

Em síntese, tudo o que foi dito pode ser expresso em “todo enunciado é uma mônada”.

REFLEXÕES METODOLÓGICAS: A INTERPRETAÇÃO METALINGUÍSTICA

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Voloshinov (1981) apresenta três regras metodológicas: a primeira é não separar a ideologia da realidade material dos signos, a segunda é não separar os signos das formas concretas de comunicação social, e a terceira é não separar a comunicação social da infra-estrutura (base econômica). Embora Bakhtin não se oponha a essa visão, ele complementa, ao falar dos estudos literários, que, ao invés de avaliar a relação do texto diretamente com a infra-estrutura, deve levar em conta a relação desse com a Cultura:

“A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, passando, por assim dizer, por cima da cultura” (Bakhtin, 2017, p. 11).

Ao propor isso, entretanto, deve-se ter clareza do posicionamento ontológico do qual Bakhtin parte, em oposição à metafísica kantiana. Para Bakhtin, o sujeito e o objeto não são polos ontológicos disjuntos, sendo apenas abstrações e existindo apenas como limites:

“O conhecimento da coisa e o conhecimento do indivíduo. É indispensável caracterizar os dois como limites: a pura coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro e pode ser totalmente revelada, do início ao fim, por um ato unilateral do outro (o cognoscente). Tal coisa, desprovida de interior próprio inalienável e não utilizável, pode ser apenas objeto de interesse prático” (Bakhtin, 2017, p.57).

O objeto das ciências humanas, entretanto, nunca é essa coisa morta, objetificada, mas *“o ser expressivo e falante. Esse nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”* (BAKHTIN, 2017, p.59). Como já comentamos, o sentido de um enunciado é determinado pelo seu contexto extraverbal e, mais amplamente, pela relação que ele estabelece com outros enunciados. Assim, o sentido de um enunciado é infinito e vai sendo modificado com o tempo:

“Não se pode mudar o aspecto efetivamente material do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre)” (Bakhtin, 2017, p.60).

Assim, a interpretação de enunciados nunca deve ser entendida como um processo exato, pois exato presumiria o encontro da coisa consigo mesma. Ela é, outrossim, um processo criador de sentido, o qual só se realiza ou se materializa no encontro das duas consciências. Por conta disso, a interpretação não pode ser entendida como um processo científico, mas *“heterocientífico”* (BAKHTIN, 2017, p.65). Uma interpretação metalinguística não exprime a verdade absoluta sobre um texto, mas uma possível interpretação de seu sentido.

Ao assumir isso, entende-se que o interpretador cria sentido relacionando o enunciado a outros enunciados que ele conhece, seu excedente de visão. Por isso, cada interpretação também é única, pois, dado nosso não-álibi no Ser, nunca é possível que duas pessoas relacionem um enunciado exatamente com os mesmos enunciados. É o excedente de visão que permite o ato de interpretação. Por isso, não se deve desejar que um pesquisador esteja totalmente imerso na cultura do enunciado que analisa, pois é o seu distanciamento que permite atribuir novos sentidos ao enunciado. Quanto mais distante estiver o pesquisador, mais profundos os sentidos que pode criar sobre o enunciado.

Outra consequência de assumir que *“toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos”* (BAKHTIN, 2017, p. 66) é que nunca estamos confrontando um texto com a realidade objetiva mas com outros textos. Não podemos acessar jamais uma realidade objetiva para atestar a veracidade de um texto, como pretendem alguns historiadores por exemplo. Tudo o que podemos é confrontar o texto com outros textos. Ao dizer isso, entretanto, não se quer reduzir toda a realidade aos efeitos do discurso:

“Cumprir salientar que não se trata de uma redução pura e direta de tudo a um denominador comum: a coisa continua coisa, a palavra, palavra, elas preservam sua essência e apenas se completam com o sentido. Não se deve esquecer a coisa e o indivíduo são limites e não substância absoluta. O sentido não quer (e não pode) mudar os fenômenos físicos, materiais e outros, não pode agir como força material. Aliás, ele nem precisa disso: ele mesmo é mais forte que qualquer força, muda o sentido total do acontecimento da realidade sem lhes mudar uma vírgula na composição real (do ser); tudo continua como antes mas adquire um sentido inteiramente distinto (a transfiguração do ser centrada no sentido). Cada palavra do texto se transfigura em um novo contexto” (Bakhtin, 2017, p. 71).

A interpretação metalinguística é, então, em essência a prática de correlacionar um texto com outros textos. Em especial, partindo da Teoria do Enunciado Concreto, pode-se explicitar as relações dialógicas que um determinado enunciado possui com outros enunciados, identificando as tonalidades herdadas e experimentando seu posicionamento no diálogo da Cultura: *“Etapas do movimento dialógico da interpretação:*

o ponto de partida – um dado texto, o movimento retrospectivo – contextos do passado, movimento prospectivo – antecipação (e início) do futuro contexto” (Bakhtin, 2017, p.67).

O resultado da interpretação é sempre um novo enunciado, o qual sempre exprime uma visão de mundo, a partir de um excedente de visão específico, não podendo ser reivindicado como *a verdade*, mas como uma nova verdade sobre o mundo, ele é uma nova mônada.

Proposta de uma Trajetória Analítica

Bakhtin nunca propôs um dispositivo analítico. Suas análises literárias tratam-se de interpretações metalinguísticas, criações filosóficas, heterocientíficas, que constroem sentidos sobre enunciados a partir do seu excedente de visão.

Nesta seção, apresentamos uma proposta de trajetória analítica para auxiliar na interpretação de enunciados científicos e da pesquisa em educação em ciências. Obviamente, o processo de interpretação metalinguística não pode ser reduzido a uma sequência de passos, nem tão pouco se pode esperar que, se dois pesquisadores seguirem os mesmos passos, chegarão exatamente à mesma interpretação, visto que cada um partirá de seu posicionamento único no Ser, e correlacionará o enunciado com outros enunciados que compõem o seu excedente de visão. Assim, o que propomos é apenas uma sugestão de sistematização dos conceitos apresentados na Teoria do Enunciado Concreto. Essa proposta avança em relação a um dispositivo analítico desenvolvido por Veneu e colaboradores (2015), pois detalha como se pode desenvolver uma análise bakhtiniana de enunciados.

Uma vez que o conceito de “excedente de visão” motiva o distanciamento do pesquisador em relação ao objeto estudado, deve-se notar que a Teoria do Enunciado Concreto pode trazer elementos de outras teorias no processo de interpretação. Ao olhar para um texto didático, podemos explicitar suas relações dialógicas com diferentes visões epistemológicas, identificando seu posicionamento sobre a natureza da ciência, ou trazer visões sobre a prática docente, ou sobre concepções didáticas. A Teoria do Enunciado Concreto é a visão de mundo do qual se parte para olhar o texto e a Interpretação Metalinguística é a base metodológica que permite a confrontação ou o correlacionamento do enunciado estudado com outras teorias e enunciados. Assim, a trajetória que sugerimos é a seguinte:

a) Identificar o enunciado e o contexto imediato.

A primeira etapa é identificar o objeto de análise, a unidade da comunicação verbal, o Ato, o enunciado. Os elementos a serem utilizados para isso são a alternância de sujeitos e a conclusibilidade. Nessa etapa, pode-se identificar o tema do enunciado (o objeto do qual se fala), o autor, onde e quando ele é proferido e quem são os interlocutores.

b) Identificar o gênero do discurso

Identificado o enunciado, imediatamente, identifica-se o gênero do discurso ao qual pertence (diálogo cotidiano, artigo científico, diálogo professor-aluno, livro didático, etc.). Nesse ponto, é importante identificar ou caracterizar as finalidades e condições da atuação humana em que esse gênero é elaborado.

c) Analisar o direcionamento e a orientação social do enunciado

Para quem o enunciado é endereçado? Quem é o auditório? Nem sempre esse auditório é explícito como em um diálogo cotidiano. O auditório de um livro didático aprovado no Plano Nacional do Livro Didático, por exemplo, pode ser identificado como os alunos de ensino médio. Entretanto, sabendo que o livro é aprovado por um comitê de especialistas antes de ser distribuído, deve-se levar em conta que o enunciado é direcionado, primeiro, a esses especialistas. Assim, o conhecimento do contexto extraverbal é fundamental para o reconhecimento do auditório e, por consequência, do que Voloshinov chamou de orientação social do enunciado.

Pode-se aprofundar essa etapa de análise tanto quanto se queira. Dependendo do objetivo da análise, poderia se dialogar, ademais, com alguma teoria sobre poder, para interpretar as relações existentes no enunciado. Em especial, identificando quem é o locutor e para quem ele direciona seu enunciado, pode-se identificar qual o projeto de fala do locutor, qual sua intenção, que tipo de resposta ele espera suscitar.

d) Analisar a Responsividade

Reconhecendo que todo enunciado responde a enunciados anteriores e que as palavras que compõem um enunciado foram assimiladas dos enunciados dos outros, herdando tonalidades, as quais se sobrepõem à expressividade do próprio autor podemos nos questionar: “A quais enunciados o autor responde explicitamente?” Em um texto científico, isso é facilmente respondido devido à presença de referências. “A quais enunciados o autor responde implicitamente? Qual o posicionamento do autor em relação a esses enunciados? Ele concorda, discorda, ironiza, etc? O autor hibridiza visões?” Isso é mais difícil de ser percebido e a resposta encontrada depende do excedente de visão do interpretador. Em um texto, pode-se identificar com que visões o autor está dialogando, a quais ele está se opondo ou com quais ele está concordando mesmo que ele não cite isso diretamente. Isso significa explicitar as tonalidades dialógicas que compõem o enunciado, os ecos que o transformam em um fenômeno multiplanar.

Num sentido mais amplo, podemos ainda questionar com quais outros enunciados o texto dialoga. Considerando que todo enunciado participa de um diálogo na Cultura, pode-se trazer outros enunciadores para serem confrontados com o objeto de análise. Nesse aspecto, pode-se enriquecer a análise com o excedente de visão do interpretador tanto quanto possível. Podemos polemizar um artigo escrito por Einstein em 1905 à luz de um livro de filosofia escrito no ano 2000, por exemplo. Podemos, a partir dos conhecimentos contemporâneos, reinterpretar e ressignificar o papel de um livro ou um texto de dois séculos atrás, da mesma forma que Bakhtin comenta sobre os novos significados que as obras de Shakespeare adquirem com o tempo (Bakhtin, 2017). Essa é, portanto, a etapa mais rica e ampla do processo de interpretação, sendo potencialmente infinita. Pode-se confrontar um mesmo texto com uma infinidade de enunciados, construindo e explicitando novos sentidos.

e) Analisar o Estilo

Pode-se ainda fazer uma análise da estrutura composicional e do estilo utilizado no enunciado. Lembrando-se que o estilo é dado pelas escolhas lexicais, fraseológicas e sintáticas realizadas. Toda vez que uma escolha pode ser feita significa que o locutor está preferindo utilizar um recurso da língua em detrimento de outros e isso expressa em algum grau o projeto de fala do locutor. Bakhtin (2013) comenta, por exemplo, que a mesma informação pode ser dita de duas formas: “Eu quebrei o vaso” e “O vaso foi quebrado por mim”. No primeiro caso, dá-se uma ênfase ao sujeito que realizou a ação (Eu) enquanto no segundo caso, dá-se uma ênfase no objeto (o vaso).

Em especial, o Círculo de Bakhtin se interessa pelos estilos de discurso citado (Voloshinov, 1986b), isto é, na forma como o discurso do outro é expresso em um enunciado (citação direta ou indireta, etc.). Pode-se investigar ainda o uso de figuras de linguagem bem como se apropriar de investigações linguísticas cujos resultados podem, então, ser apropriados para o entendimento do enunciado como um todo. Novamente, essa etapa pode ser feita tão complexa e detalhada quanto se queira. Em especial, entendemos que nessa etapa é possível fazer a conexão entre o discurso e a natureza. O estilo como o enunciado apresenta dado fato, por exemplo, reflete a estabilidade de sua realidade na rede da ciência, como aponta Latour e Woolgar (Latour & Woolgar, 1986). Assim, pode-se nesse momento entender como que os recursos lexicais e sintáticos são mobilizados para efetuar ou materializar as investigações científicas.

Acrescentamos, ainda, que não há nenhum impeditivo para que se implemente, por exemplo, métodos quantitativos de pesquisa (como análise fatorial, análise de correspondência, análise de redes, etc.) e interpretem-se os resultados à luz da compreensão do enunciado.

Lembramos que as análises estilísticas realizadas e ou análises quantitativas dependem do objetivo da interpretação metalinguística a ser realizada. Não existe uma única forma de análise a ser feita e o percurso seguido depende da intenção e objetivo do pesquisador. O importante, entretanto, é saber que a Interpretação Metalinguística comporta a associação de diferentes métodos em sua proposta original.

f) Integrar os resultados em um novo enunciado

No final da análise detalhada do enunciado, o pesquisador deve integrar os resultados em uma visão orgânica sobre natureza do enunciado, reiterando o fato de que ele é um todo singular. Ao fazer isso, o pesquisador está produzindo um novo enunciado, no qual expressa seu excedente de visão sobre o objeto de análise.

Um Exemplo de Interpretação Metalinguística

Conforme apresentamos, o resultado final de uma interpretação metalinguística (etapa f) é um novo enunciado sobre o objeto de estudo. Neste sentido, as etapas “a-e”, usualmente, não seriam divulgadas isoladamente e servem apenas para que o pesquisador elabore seu próprio enunciado final, no qual os resultados são conectados. O objetivo dessa seção, entretanto, é apresentar a implementação das cinco primeiras etapas em uma possível interpretação metalinguística de um enunciado, seguindo as etapas descritas anteriormente, de forma a exemplificar de forma didática como a Teoria do Enunciado concreto pode ser utilizada para analisar textos de interesse para os Estudos da Ciência e para a pesquisa em Educação em Ciências. Ressaltamos, conquanto isso, que o exemplo mostrado não significa que existe apenas uma forma de se executar uma análise metalinguística, nem queremos sugerir que os resultados apresentados são os únicos resultados possíveis. A análise metalinguística é sempre resultado do encontro de pelo menos duas consciências (a do enunciador e a do interpretador). Assim, o que encontramos não são características intrínsecas dos enunciados, mas estabelecemos relações entre o enunciado (objeto de pesquisa) e outros enunciados a partir do nosso excedente de visão.

O enunciado que iremos analisar, nesta seção, é um editorial da Revista *Questão de Ciência* (organizada pela instituição homônima) e intitula-se “Pseudociência sem Partido”. O texto foi publicado em 30 de novembro de 2018 (IQC, 2018a)⁴. A escolha desse enunciado se deu pela atualidade das discussões em torno do tema das Pseudociências, especialmente no atual cenário político nacional e internacional.

a) Identificar o enunciado e o contexto imediato.

O enunciado é o texto todo do editorial, pois ele representa um ato de comunicação verbal no qual o autor expressa a sua ideia e passa a palavra para outro sujeito. Assim, ainda que possamos analisar sentenças isoladas ou mesmo o uso de certas palavras, toda a análise deve convergir para a compreensão do enunciado como um todo orgânico. Ele é delimitado pelos limites de fala: a revista *Questão de Pesquisa* inicia o texto e o encerra, esperando suscitar uma resposta específica nos leitores da revista. Essa possibilidade de resposta por parte dos leitores da revista é um elemento importante de identificação e delimitação do enunciado.

Ademais, não sabemos quem é o autor ou autores do texto; pois ele não é assinado individualmente. O tema do enunciado é a adoção da Pseudociência em diversos setores do espectro político.

Além do tema, o contexto imediato é formado pelo locutor (o Instituto *Questão de Ciência*) e a audiência (os leitores da revista). Observamos que o reconhecimento dos nomes dos atores envolvidos, entretanto, não é suficiente para entendermos o contexto da produção dos enunciados. Para apreender o projeto de fala do locutor, por exemplo, precisamos ter mais informações sobre ele e, para tanto, é necessário recorrer a outros enunciados (como a seção “Sobre Nós” do Instituto). Faremos um aprofundamento do reconhecimento do contexto extraverbal no item c.

b) Identificar o gênero do discurso

Pode-se classificar o enunciado estudado no gênero do discurso dos editoriais. Usualmente, esse gênero é marcado pela apresentação de uma posição bem clara frente a uma determinada situação, normalmente com o intuito de provocar convencimento. O autor de um enunciado sempre escolhe recursos lexicais e gramaticais pensando na atitude responsiva do destinatário. Nesse sentido, é esperado que o texto apresente um estilo argumentativo muito característico dos editoriais. Devemos, portanto, identificar qual o objetivo desse convencimento e quais recursos são utilizados.

c) Análise do direcionamento e das relações de poder

Para entender a orientação social do discurso, é necessário que se tenha a compreensão sobre as possíveis relações de poder que se estabelecem entre o locutor e o interlocutor. Como já comentamos, isso pode ser feito de uma forma mais elementar (reconhecendo assimetrias de poder óbvias como a de um chefe e um funcionário) ou até mesmo de forma mais sofisticada, valendo-se de teorias sobre as relações de poder.

Em especial, no caso da ciência, observa-se que as Instituições Científicas ocupam um papel privilegiado na sociedade contemporânea, atribuindo para si o privilégio de opinar nas tomadas de decisão pública, visto que seriam detentoras de um conhecimento privilegiado. Tal tipo de alegação é feita pelos

⁴ O texto completo está disponível no *link* <http://revistaquestaodeciencia.com.br/editorial/2018/11/30/pseudociencia-sem-partido>.

“especialistas” desde Platão (Latour, 1999) e é reivindicada até hoje, implicitamente revocalizando o que é conhecido como mito da superioridade tecnocrática (Auler & Delizoicov, 2001).

Nesse sentido, observamos que a carta não é assinada por nenhuma pessoa em particular; mas pela Revista *Questão de Pesquisa*. Para entender as relações de poder, acessamos o texto da seção “Quem Somos” da Revista:

“A Revista Questão de Ciência é uma publicação digital do Instituto Questão de Ciência (IQC), como parte de sua missão de apontar e corrigir a falsificação e a distorção do conhecimento científico na arena pública, promover a educação científica e apoiar o uso de evidências na formulação de políticas públicas” (RQC, 2018b).

Observa-se que, no texto supracitado, a Revista passa a ideia de que existe “o conhecimento científico” (objetivo, pronto, finalizado) e que esse é distorcido na arena pública. Sua missão é justamente a de corrigir tais contaminações. No site do IQC, temos:

“A função primordial do Instituto é trazer a ciência para os grandes diálogos nacionais e globais em torno da formulação de políticas públicas. Ciência e tecnologia formam os alicerces da vida contemporânea. Por causa disso, questões de ciência estão por toda parte no mundo moderno, e têm papel crucial na alocação responsável de recursos públicos ou privados” (IQC, 2018b).

Ainda, segundo o site do IQC, a sua equipe é formada por dois doutores (uma bióloga e um físico), um mestre (psicólogo) e um jornalista. Ou seja, o IQC é formado por um grupo de cientistas que afirmam (para a população geral) que a ciência é uma instituição importante a ser consultada para formulação de políticas públicas. Tal proposta, de certa forma, retoma uma antiga questão antropológica, a dizer, a noção que um grupo possui de que sua cultura é aquela que acessa de forma privilegiada a verdade, enquanto as demais lidam com fantasias (Latour, 1999). O bárbaro é sempre o outro.

Em especial, a Ciência tem requerido o *status* de detentora de uma produção epistemológica privilegiada desde suas raízes gregas (Latour, 1999). Assim, uma vez que a Ciência é a produtora de Verdades (e não de mitos como outras tradições) é natural que as políticas públicas sejam orientadas por ela. Essa visão, defendida pelo IQC, tangencia a questão que Foucault (2018) denomina Regime de Verdade. Ou seja, os cientistas determinam o critério de demarcação epistemológica e, ademais, usam esse mesmo critério para estabelecer as relações de poder. Como já discutiu amplamente Feyerabend (2011), essa postura é inconsistente com uma sociedade democrática.

Dessa forma, a relação de poder que o enunciador espera estabelecer é de autoridade. Os cientistas, que possuem o monopólio do método de obtenção da verdade, por meio de seu editorial, estão reivindicando seu lugar privilegiado na sociedade. Essa hierarquização política aparece na apresentação da revista e do instituto e na forma como o IQC estabelece suas campanhas, trazendo “autoridades científicas” para lhe prestar apoio. Mais uma vez, esse não é um recurso novo. Feyerabend (2011) comenta sobre uma carta assinada por “186 cientistas importantes” contra a Astrologia. Os recursos são os mesmos do IQC, uso do argumento de autoridade e defesa de um conhecimento “puro” que não pode ser distorcido. Como Feyerabend (2011) também comenta, esse tipo de estratégia discursiva não foi criado pela comunidade científica e já fora amplamente usado pela Igreja Católica em defesa da fé cristã.

d) Análise da Responsividade

Já identificamos que o IQC é uma instituição formada por cientistas que defendem o papel privilegiado da Ciência na produção de conhecimento e na tomada de decisões e que apresentam enunciados para população geral buscando tensionar o debate público, tentando convencer sua audiência sobre a superioridade científica através de recursos como o de autoridade.

No texto “Pseudociência sem Partido”, especificamente, podemos identificar a quem o enunciado responde. Ou seja, com que outros enunciados ele dialoga. Em um primeiro momento, podemos identificar as menções explícitas feitas pelos autores a outros enunciados. A primeira menção direta refere-se a um livro de um jornalista que comenta como a direita americana distorce fatos científicos:

*“Em 2005, o jornalista americano Chris Mooney publicou seu livro *The Republican War on Science*, um compilado de evidências de que o então governo federal dos Estados Unidos – controlado, como agora, pelo Partido Republicano, de direita –*

vinha ignorando ou distorcendo fatos científicos importantes, em áreas tão diversas quanto aquecimento global, pesquisa com células-tronco e teoria da evolução” (IQC, 2018a).

A segunda citação direta é a um livro do psicólogo Steven Pinker:

“Anos antes, em 2002, o psicólogo Steven Pinker havia publicado seu best-seller Tábula Rasa, em que argumenta contra a ideia, ainda hoje muito cara em círculos mais à esquerda, de que a natureza humana é infinitamente maleável, que educação, influência social e oportunidade podem transformar qualquer um em qualquer coisa” (IQC, 2018a).

Observamos que o objetivo do texto é discutir o fato de que o uso de pseudociência é feito tanto pela direita quanto pela esquerda. Nesse sentido, o uso de referência é uma forma de dar credibilidade ao que se está defendendo (Latour, 1988). O texto traz referência a uma obra que estuda o uso de pseudociência pela direita americana; entretanto, no caso do parágrafo sobre a esquerda, a referência apresentada não faz um estudo sobre essa orientação política. Ou seja, os autores ao usar referências diretas nos dois parágrafos sugerem que os dois têm a mesma credibilidade; mas o fato é que os autores apresentam um estudo sobre a direita e apresentam sua opinião sobre a esquerda. É factível ou verossímil que direita e esquerda se valham de “pseudociência” em seus argumentos, mas, usando a própria filosofia do IQC, é científico afirmar que esse uso é simétrico? Os autores não apresentam nenhum estudo científico que afirme isso, apenas apresentam sua opinião, sem nenhum dado empírico. Ou seja, os próprios autores, que defendem a ciência, adotam uma postura pouco científica.

As relações dialógicas do enunciado, ademais, podem ser exploradas de forma mais ampla, analisando-se não somente as referências diretas, mas as visões de mundo que são apresentadas, cujo reconhecimento depende do excedente de visão do interpretador. Reconhecemos, por exemplo, que o título do texto “Pseudociência sem Partido” é uma alusão clara ao movimento político-educacional atual “Escola sem Partido”, que defende a possibilidade de uma educação apartada de construções ideológicas. Essa mesma visão é defendida pelos autores:

“Toda ideologia pressupõe um diagnóstico sobre o que está errado no mundo, e uma receita para consertá-lo; se os fatos põem em dúvida a validade do diagnóstico, ou questionam a sabedoria da receita, é muito tentador ignorar tais fatos. Principalmente, quando o compromisso ideológico tem, como costuma ter, um forte componente afetivo e emocional” (IQC, 2018a).

Tal visão nega que toda construção humana (inclusive a ciência) é constituída por uma base ideológica (Voloshinov, 1986). A possibilidade de separar a ciência de uma base metafísica é negada até por filósofos mais conservadores como Mario Bunge, e a impossibilidade de separar a prática científica da prática política é longamente descrita pela Sociologia da Ciência (Foucault, 2018; Latour, 1999, 2013; Shapin & Schaffer, 1985). Ou seja, os autores defendem uma visão de senso comum sobre natureza da ciência, ignorando todo o debate filosófico e sociológico sobre a natureza da ciência. Essa visão simplista os faz, ademais, defender a velha noção de que “os fatos falam por si mesmos”:

“Aos que militam na política, deixamos o apelo para que pautem suas ações no que realmente dizem as evidências, não no que gostariam que as evidências dissessem. Existe muito espaço para discordar sobre o que fazer com os fatos dados pela realidade; não é preciso, para além disso, negar realidades que estejam bem estabelecidas pela ciência” (IQC, 2018a).

Como já discutiu Bachellard (1985), a ciência não lida com fatos dados pela realidade; mas com a realidade científica, a qual é mediada pela fenomenotécnica. Ou seja, os cientistas dificilmente falam de fatos dados (como uma maçã caindo). Eles interpretam, por exemplo, gráficos formados por complexos equipamentos à luz de diferentes teorias. O resultado empírico nunca é um dado empírico puro e sempre envolve algum tipo de interpretação teórica (Lakatos, 1978).

É com essa visão atórica que os autores fazem uma distinção entre ciência e pseudociência. Mas qual o critério adotado? O debate sobre demarcação epistemológica é longo na História da Filosofia da Ciência. Os autores usam o racionalismo de Popper, de Lakatos, a formação de paradigmas de Kuhn, o pragmatismo de Laudan? Nada disso é discutido e a distinção entre ciência e pseudociência é tida como dada, assim como as evidências. Mais uma vez, os autores que defendem a ciência adotam uma postura

pouco científica. Por fim, mencionamos que os autores falam do lisenkoísmo sem trazer nenhuma referência sobre o assunto:

“Durante parte significativa do século passado, uma doutrina pseudocientífica – o lisenkoísmo, que negava a genética mendeliana e pregava a possibilidade de herança de características adquiridas durante a vida – dominou, por determinação governamental, a biologia na antiga União Soviética” (IQC, 2018a).

E, mais uma vez, fazem menções à prática da direita e da esquerda sem usar referências:

“Nos dias atuais, órgãos de imprensa mais identificados com a esquerda espalham temores exagerados – quando não injustificados – sobre transgênicos e agrotóxicos. Por sua vez, veículos de direita abrem espaço generoso para proponentes de teorias conspiratórias mirabolantes e infundadas, promotores do perigoso negacionismo do aquecimento global” (IQC, 2018a).

Não há clareza para os interpretadores, por exemplo, se os temores sobre transgênicos e agrotóxicos são injustificados ou isso é apenas a opinião dos autores, os quais afirmam isso, mais uma vez, sem nenhuma referência científica.

e) Análise Estilística

Existem muitas possibilidades de análise estilística. Apenas a título de exemplo, vamos discutir o que o Grupo de Bakhtin chama de “análise do discurso citado”. Conforme observamos na seção anterior, as duas únicas citações diretas foram usadas no sentido de corroborar a ideia de que esquerda e direita se valem de pseudociência. Isso é feito, entretanto, de forma a induzir uma falsa simetria, visto que os autores não apresentam nenhum estudo sobre a prática da esquerda propriamente.

O restante do texto é marcado pela ausência de referências diretas ou de citações a trabalhos científicos, o que indica que o argumento formado é apoiado, principalmente, por uma visão de senso comum. Em especial, percebe-se que os autores ignoram toda a discussão sobre Natureza da Ciência do século XX e defendem uma visão de ciência neutra, livre de ideologia, em que as evidências falam por si mesmas – noção que poderia ser vinculada à proposta de Francis Bacon.

Nesse sentido, percebe-se que o estilo do texto indica que a proposição principal do enunciado é construída em cima de um argumento de autoridade. Não há muita semelhança entre o estilo do texto e o estilo científico, que preza pelo diálogo amplo com a literatura especializada.

f) Integração dos resultados

A integração do resultado consiste na elaboração de um novo enunciado, articulando os resultados obtidos. Como comentamos, em uma interpretação metalinguística usual, o que se apresenta é a etapa f. As etapas apresentadas anteriormente servem como exemplo de análise possível a ser realizada. Observamos, por fim, que as etapas anteriores não são obrigatórias nem necessariamente sequenciais. Essa estruturação foi feita por motivos didáticos. O interpretador quando está diante de um enunciado interpreta-o livremente, percebendo o estilo ao mesmo tempo que analisa responsividade e direcionalidade. O processo é sempre orgânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos filiações filosóficas de Mikhail Bakhtin, a dizer, a crítica ao Kantismo, a Física Moderna e o Marxismo. À luz dessas visões, analisamos sua Teoria do Enunciado Concreto (designação dada por Souza, 2002) presente no texto *Gêneros do Discurso* (Bakhtin, 2016) e traduzimos sua visão de mundo em possíveis reflexões metodológicas. A partir disso propusemos uma trajetória analítica, a qual serve como uma sugestão de possível organização da Interpretação Metalinguística. Por fim, aplicamos tal trajetória analítica para analisar um enunciado sob a forma de um editorial da revista *Questão de Ciência*.

Esperamos, com esse trabalho, contribuir para a elucidação das ideias do Círculo de Bakhtin e para a promoção do uso da Interpretação Metalinguística como referencial teórico-metodológico para os Estudos das Ciências e para a Pesquisa em Educação em Ciências. Com isso, entendemos que estamos viabilizando

uma pesquisa que toma a linguagem como objeto de estudo sem recair na metafísica kantiana ou no subjetivismo e idealismo de algumas vertentes contemporâneas da filosofia como o pós-modernismo.

Ademais, entendemos que a metafísica monadológica de Bakhtin se aproxima de ontologias relacionais como aquelas defendidas por Vygotsky e por vertentes da Sociologia Contemporânea, o que motiva o uso da Interpretação Metalinguística em articulação com essas perspectivas teóricas, formando um arcabouço teórico robusto para analisar as tão complexas redes da Ciências e da Educação em Ciências.

Longe de desejar encerrar o assunto, esperamos que esse trabalho sirva como mais um ponto de partida (ou de apoio) para o desenvolvimento dos estudos do discurso e da Linguagem e em especial da Teoria do Enunciado Concreto de Bakhtin na área de pesquisa em Educação em Ciências.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. J. P. M. (2004). *Discursos da ciência e da escola: ideologia e leituras possíveis*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Almeida, S. A. d., & Lima, M. E. C. d. C. (2016). Scientists in a magazine: Einstein, Darwin AND Marie Curie inside Ciência Hoje das Crianças magazine. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, 18(2), 29-47. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172016180202>.
- Arendt, H. (2007). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universtaria.
- Auler, D., & Delizoicov, D. (2001). Alfabetização científico-tecnológica pra quê? *Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, 3(1), 122–134. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172001030203>
- Bachelard, G. (1985). *The new Scientific Spirit*. Boston, United States of America: Beacon.
- Bakhtin, M. (1986). *Dialogic Imagination*. Austin, United States of America: University of Texas Press.
- Bakhtin, M. (1999). *Toward a Philosophy of the Act*. Austin, United States of America: University of Texas Press.
- Bakhtin, M. (2011). *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2013). *Questões de estilística no ensino de língua*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Bakhtin, M. (2016). *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Bakhtin, M. (2017). *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Bakhtin, M., & Medvedev, N. (1991). *The Formal Method in Literary Scholarship. A Critical Introduction to Sociological Poetics*. Baltimore and London: The Johns Hopkins Press.
- Bakhtin, M., & Voloshinov, V. N. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Borges, G., & Rezende, F. (2010). Vozes Epistemológicas e Pedagógicas nos Parâmetros Curriculares de Biologia. *Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia–UFSC: Florianópolis*, 3(2), 01-16. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/38095/29070>
- Bossler, A. P., Baptista, M., Freire, A. M. V., & do Nascimento, S. S. (2009). O estudo das vozes de alunos quando estão envolvidos em atividades de investigação em aulas de Física. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 11(2), 307-319. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172009110210>
- Braga, S. A., & Mortimer, E. F. (2003). Os gêneros de discurso do texto de biologia dos livros didáticos de ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 3(3), 56-74. Recuperado de http://www.cienciamao.usp.br/dados/rab/_osgenerosdediscursodotex.artigoCompleto.pdf
- Bronckart, J., & Bota, C. (2012). Bakhtin desmascarado. *História de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. (Tradução de Marcos Marcionilo). São Paulo, SP: Parábola.

- Catarino, G. F. d. C., Queiroz, G. R. P. C., & Araújo, R. M. X. d. (2013). Dialogismo, ensino de física e sociedade: do currículo à prática pedagógica. *Ciência & Educação (Bauru)*, 19(2), 307-322. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132013000200006>
- Clark, K., & Holquist, M. (1984). *Mikhail Bakhtin*. Boston, United States of America: Harvard University Press.
- Crepalde, R. d. S., & Aguiar Júnior, O. (2013). A formação de conceitos como ascensão do abstrato ao concreto: da energia pensada à energia vivida. *Investigações em Ensino de Ciências*, 18(2), 299-325. Recuperado de <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/132/92>
- Derrida, J. (1997). *Of Grammatology* (Vol. 87). Baltimore, United States of America: The John Hopkins University Press.
- Eco, U. (1981). *Lector in fabula. La cooperación interpretativa en el texto narrativo*. Barcelona, España: Editorial Lumen.
- Einstein, A. (1905). On the electrodynamics of Moving Bodies. In *The Collected papers of Albert Einstein. Volume 2* (pp. 140–171). Princeton, United States of America: Princeton University Press.
- Einstein, A. (1999). *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Emerson, C. (1983). The outer word and inner speech: Bakhtin, Vygotsky, and the internalization of language. *Critical Inquiry*, 10(2), 245-264. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/1343349>
- Ferraz, G., & Rezende, F. (2014). Physics teachers' perspectives on High School national curriculum policies. *Ciência & Educação (Bauru)*, 20(2), 497-515. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200015>
- Ferreira, J. C. D., & de Almeida Raboni, P. C. (2013). A ficção científica de Júlio Verne e o ensino de física: uma análise de “Vinte Mil Léguas Submarinas”. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 30(1), 84-103. <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2013v30n1p84>
- Feyerabend, P. (2011). *A Ciência em uma Sociedade Livre*. São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Foucault, M. (2018). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1982). *Semiotics and Language*. Bloomington, United States of America: Indiana University Press.
- Halliday, M. A. K. (2004). *The Language of Science*. New York, United States of America: Continuum.
- Holquist, M. (1990). *Dialogism*. New York, United States of America: Routledge.
- Humboldt, W. V. (1999). *Humboldt: “On Language”: On the Diversity of Human Language. Construction and Its Influence on the Mental Development of the Human Species*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.
- Indursky, F. (2000). Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à Análise do Discurso. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos* (4/5), 69-88.
- IQC. (2018a). Pseudociência sem partido. Recuperado de <http://revistaquestaodeciencia.com.br/editorial/2018/11/30/pseudociencia-sem-partido>
- IQC. (2018b). Quem Somos. Recuperado de <http://institutoquestaodeciencia.com.br/>
- Jammer, M. (1993). *Concepts of Space: The History of Theories of Space in Physics* (3rd ed.). New York, United States of America: Dover.
- Kant, I. (2005). *Crítica da Razão Pura*. São Paulo, SP: Martin Claret.

- Lakatos, I. (1978). *The Methodology of Scientific Research programmes* (Vol. 1). Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.
- Latour, B. (1988). *Science in Action: How to follow scientists and engineers through society*. Cambridge, United States of America: Harvard University Press.
- Latour, B. (1999). *Pandora's Hope: Essays on the reality of Science Studies*. Cambridge, United States of America: Harvard University Press.
- Latour, B. (2013). *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Latour, B. (2017). *A Esperança de Pandora*. São Paulo, SP: Editora da UNESP.
- Latour, B., & Woolgar, S. (1986). *Laboratory Life: The construction of scientific facts*. Princeton, United States of America: Princeton University Press.
- Leal, M. C., & Mortimer, E. F. (2008). Apropriação do discurso de inovação curricular em química por professores do ensino médio: perspectivas e tensões. *Ciência & Educação (Bauru)*, 14(2), 213-231. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132008000200003>
- Lemke, J. (1990). *Talking Science: Language, Learning and Values*. New York, United States of America: Ablex Publishing Corporation.
- Lima, M. E. C., Júnior, O. A., & Caro, C. M. D. (2011). Formação de conceitos científicos: reflexões a partir da produção de livros didáticos. *Ciência & Educação (Bauru)*, 17(4), 855-871. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132011000400006>.
- Lima, N. W., Antunes Jr, E., Cavalcanti, C. J. de H., & Ostermann, F. (2017). Uma Análise Bakhtiniana dos Enunciados sobre o Efeito Fotoelétrico em Livros Didáticos do Ensino Superior. *Ensenanza de Las Ciencias* (n. esp.). 1947–1951. Recuperado de <https://www.raco.cat/index.php/Ensenanza/article/view/337503>
- Lima, N. W., Ostermann, F., & Cavalcanti, C. J. de H. (2017). Física Quântica no ensino médio: uma análise bakhtiniana de enunciados em livros didáticos de Física aprovados no PNLDEM 2015. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 34(2), 435–459. <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2017v34n2p435>
- Lima, N. W., Souza, B. B. De, Cavalcanti, C. J. de H., & Ostermann, F. (2018). Um Estudo Metalinguístico sobre as Interpretações do Fóton nos Livros Didáticos de Física Aprovados no PNLDEM 2015 : Elementos para uma Sociologia Simétrica da Educação em Ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 18(1), 331–364. <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2018181331>
- Martins, I. (2007). Quando o objeto de investigação é o texto: uma discussão sobre as contribuições da Análise Crítica do Discurso e da Análise Multimodal como referenciais para a pesquisa sobre livros didáticos de ciências. In R. Nardi (Ed.), *A pesquisa em ensino de ciências no Brasil: alguns recortes* (pp. 95-116). São Paulo, SP Escrituras Editora.
- Mies, M., & Shiva, V. (2014). *Ecofeminism*. New York, United States of America: Zed Books.
- Morson, G. S., & Emerson, C. (2008). Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística. *São Paulo, SP: Edusp*.
- Mortimer, E. F., & Scott, P. (2002). Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. *Investigações em ensino de Ciências*, 7(3), 283-306. Recuperado de <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/562/355>
- Nascimento, M. M., Ostermann, F., & Cavalcanti, C. (2017). Análises multidimensional e Bakhtiniana do discurso de trabalhos de conclusão desenvolvidos no âmbito de um mestrado profissional em ensino de Física. *Ciência & Educação (Bauru)*, 23(1), 181-196. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320170010011>
- Oliveira, L., Latini, R. M., dos Santos, M. B. P., & de Paiva Canesin, F. (2015). A contextualização no ensino de química: uma análise à luz da filosofia da linguagem de Bakhtin. *Revista Ciências & Ideias*, 6(2), 29-45. Recuperado de <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/355/335>
- Packer, M. (2011). *The Science of Qualitative Research*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University

Press.

- Piassi, L. P., dos Santos, E. I., de Bastos Vieira, R. M., & Ferreira, N. C. (2009). O discurso ideológico sobre Aristóteles nos livros didáticos de Física. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 9(2), 1-19. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4002>
- Rezende, F., Duarte, M. S., Schwartz, L. B., & de Carvalho, R. C. (2011). Qualidade da educação científica na voz dos professores. *Ciência & Educação (Bauru)*, 17(2), 269-288. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132011000200002>
- RQC. (2018). Quem Somos. Recuperado de <http://revistaquestaodeciencia.com.br/quem-somos>.
- Sá, E. F., Lima, M. E. C., & Aguiar Jr, O. (2011). A construção de sentidos para o termo ensino por investigação no contexto de um curso de formação. *Investigações em Ensino de Ciências*, 16(1), 79-102. Recuperado de <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/247/173>
- Saussure, F. (2006). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Schnaiderman, B. (1983). *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades.
- Segatto, A. I. (2009). Tradução: Sobre pensamento e linguagem Wilhelm Von Humboldt. *Trans/formação*, 32(1), 193-198. Recuperado de <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/1002>
- Sepulveda, C., & El-Hani, C. N. (2006). Apropriação do discurso científico por alunos protestantes de biologia: uma análise à luz da teoria da linguagem de Bakhtin. *Investigações em ensino de Ciências*, 11(1), 29-51. Recuperado de <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/501/301>
- Silva, D. S., & Leite, F. F. (2013). O subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato no Círculo de Bakhtin. *Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli*, 2(2), 38-45. Recuperado de <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/555>
- Simpson, T. K. (2005). *Figures of thought*. Santa Fe, United States of America: Green Lion Press.
- Simpson, T. K. (2010). *Maxwell's Mathematical Rhetoric*. Santa Fe, United States of America: Green Lion Press.
- Shapin, S., & Schaffer, S. (1985). *Leviathan and the Air-Pump*. Princeton, United States of America: Princeton University Press.
- Souza, G. T. (2002). *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev* (2a ed.). São Paulo, SP: Humanitas/FFLCH/USP.
- Souza, J. de, Rezende, F., & Ostermann, F. (2016). Apropriação discursiva de modelos de formação docente em trabalhos de conclusão de um mestrado profissional em ensino de física. *Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, 18(2), 171-199. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172016180208>
- Stetsenko, A. (2008). From relational ontology to transformative activist stance on development and learning: expanding Vygotsky's (CHAT) project. *Cultural Studies of Science Education*, 3(2), 471-491. <https://doi.org/10.1007/s11422-008-9111-3>
- Veneu, A., Ferraz, G., & Rezende, F. (2015). Análise de discursos no ensino de ciências: considerações teóricas, implicações epistemológicas e metodológicas. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 17(1), 126. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-211720175170106>
- Voloshinov, V. N. (1981). La structure de l'enoncé. In T. Todorov (Ed.), *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique* (pp. 278-316). Paris, France: Seuil.
- Voloshinov, V. N. (1986a). Le discours dans la vie et le discours dans la poésie. In T. Todorov (Ed.), *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris, France: Éditions du Seuil.

Voloshinov, V. N. (1986b). *Marxism and the Philosophy of Language*. New York, United States of America: Seminar Press.

Voloshinov, V. N. (1987). *Freudianism. A Critical Sketch*. Indianapolis, United States of America: Indiana University Press.

Wertsch, J. V. (1985). *Vygotsky and the Social Formation of Mind*. Cambridge, United States of America: Harvard University Press.

Wertsch, J. V. (1993). *Voices of the Mind: A Sociocultural Approach to Mediated Action*. Cambridge, United States of America: Harvard University Press.

Yaguello, M. (2002). Introdução. In M. V. Bakhtin (Ed.), *Marxismo e filosofia da linguagem* (pp. 12). São Paulo, SP: Hucitec.

Recebido em: 15.02.2019

Aceito em: 04.10.2019